

# DE REGRESSO A PORTUGAL. ONZE CARTAS DE JORGE DIAS PARA MENDES CORREIA (1947-1949)

por

**João Leal\***

**Resumo:** Este artigo reúne onze cartas que o antropólogo Jorge Dias escreveu entre 1947 e 1949 para Mendes Correia, Diretor do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. Documentam os primeiros passos da pesquisa de Jorge Dias depois do seu regresso a Portugal. Permitem caracterizar a relação entre Jorge Dias e Mendes Correia, assim como os planos e preocupações de Dias enquanto secretário do CEEP, responsável pela Secção de Etnografia do Centro e seu investigador. São antecedidas de um texto introdutório que procura analisar as principais linhas de força dessa correspondência até agora inédita..

**Palavras-chave:** História da Antropologia; Jorge Dias; Mendes Correia.

**Abstract:** This article brings together eleven letters that the anthropologist Jorge Dias wrote, between 1947 and 1949, to Mendes Correia, Director of the Research Centre in Peninsular Ethnology. They document the first steps of Jorge Dias' research after his return to Portugal. They allow us to characterise the relationship between Jorge Dias and Mendes Correia, as well as Dias' plans and anxieties as researcher and secretary of CEEP (in charge of the Centre's section in Ethnography). They are preceded by an introductory text that analyses the main lines of force of this previously unpublished correspondence.

**Keywords:** History of Anthropology; Jorge Dias; Mendes Correia.

---

\* CRIA (FCSH-UNL). E-mail: joao.leal@fcsh.unl.pt.

Este artigo insere-se no projeto “Histórias da Antropologia em Portugal (1940-1970)”, desenvolvido no âmbito da linha de investigação “Políticas e Práticas da Cultura” do CRIA. Agradeço a Karin Dias e a Júlia Dias — filhas de Jorge Dias — a disponibilidade que sempre revelaram para colaborarem na pesquisa que tenho vindo a conduzir sobre Jorge Dias. Agradeço à Dra. Alexandra Oliveira, bibliotecária e arquivista do Museu Nacional de Etnologia, a ajuda que me tem prestado na pesquisa que tenho a vindo a conduzir no Arquivo Jorge e Margot Dias (Museu Nacional de Etnologia). Agradeço igualmente à Dra. Clara Pavão Pereira o apoio à pesquisa conduzida no Arquivo do Instituto Camões. As transcrições das cartas de Jorge Dias para Mendes Correia foram realizadas por Isabel Pinto (10 cartas) – Biblioteca e Arquivo do MNE — e por Luísa Gonçalves (uma carta) — estudante da licenciatura em Antropologia da FCSH (UNL) — a quem também agradeço.

Em março de 1944, depois de defender in extremis o seu doutoramento na Universidade de Munique — com uma tese, orientada pelo conhecido romanista Gerhard Rohlfs (1892-1986), intitulada *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Autárquica na Serra Amarela* (Dias, 1944) (Leal, 2023a) — António Jorge Dias (1907-1973) regressa a Portugal, acalentando fundadas esperanças de poder prosseguir os seus estudos etnográficos e etnológicos. Afinal de contas — como escrevera uma vez a Ernesto Veiga de Oliveira (1910-1990) — a etnografia, que ele descobrira na Alemanha graças a Margot Dias (1908-2001), era uma forma de enquadrar profissionalmente o antigo fascínio de ambos pelas paisagens rudes da ruralidade, que percorriam amiúde<sup>1</sup>.

No curto prazo, porém, as esperanças de Jorge Dias revelaram-se infundadas. Em 1945, Orlando Ribeiro (1911-1997) — que havia fundado em 1943 o Centro de Estudos Geográficos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (onde era também professor) — ainda o propõe para bolsheiro de Centro, com o objetivo de “estudar a vida comunitária no norte de Portugal”<sup>2</sup>, mas ao pedido não será dado seguimento pelo Instituto de Alta Cultura (IAC). Isso não impediu Jorge Dias de, por conta própria, prosseguir as suas atividades de pesquisa. Estas conduzi-lo-ão, nomeadamente, a uma revisita de Vilarinho da Furna, cujos resultados serão incorporados na versão portuguesa da sua tese de doutoramento (Dias, 1948a) e a uma pesquisa, que se estendeu por todo o território nacional, sobre os arados, que dará origem ao livro *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens* (1948b). Simultaneamente Jorge Dias investe-se noutras pesquisas, sobre transumância ou sobre construções primitivas.

Não obstante este seu empenhamento na pesquisa etnográfica, Jorge Dias vê-se forçado a encontrar uma ocupação remunerada, tanto mais que — para além das duas filhas do seu primeiro casamento com Maria Madalena Dias de Almeida (sua prima direita) — tem a seu cargo os dois filhos (Lopo e Karin) que tivera com Margot Dias.

Por isso ocupará sucessivamente os leitorados de português em Santiago de Compostela (1944-1946) e em Madrid (1946-1947). Tratava-se de lugares com os quais Jorge Dias tinha familiaridade uma vez que havia sido leitor de português na Alemanha entre 1939 e 1944 (Leal, 2023a). O prestígio de que Dias gozava junto do IAC, em particular junto do seu secretário, Medeiros Gouveia, também terá pesado

---

<sup>1</sup> A etnologia, escreve Jorge Dias a Ernesto Veiga de Oliveira em julho de 1942, “é para nós uma possibilidade única porque nos dá liberdade para andarmos meses pelas serras e campos, com a certeza de ter o pão garantido na sociedade dos homens”. Em novembro de 1942 volta a insistir: “A Etnografia permite-nos viver pelos montes e pelas aldeias, sem termos um patrão, livres como desejamos e com a vantagem de termos uma recomendação do ministério e um ordenado todos os meses” (Leal, 2008: 503).

<sup>2</sup> Relatório Anual do Centro de Estudos Geográfico de 1945, Arquivo do Instituto Camões, PT/MNE/CICL/IC-1/03201/08, Doc. 44/2.

na sua nomeação. Como afirmou Margot Dias, em entrevista a Catarina Alves Costa e Joaquim Pais de Brito, “depois [de irmos para Portugal] a dificuldade foi ganhar a vida e isso foi o secretário do Instituto de Alta Cultura, que é quem manda nos leitores... e esse secretário gostou bastante do António e arranjou um leitorado em Santiago de Compostela” (Dias, Margot, 1996). A proximidade geográfica com Portugal, sobretudo no caso de Santiago de Compostela, permitia também a Jorge Dias manter-se em contacto com a família e com a pesquisa. Durante as férias escolares retomava as suas excursões etnográficas, pagas do seu bolso. Como escreve a Medeiros Gouveia em 29 de dezembro de 1946 “as excursões de estudo que faço durante as férias escolares, com a colaboração de outras pessoas, têm sido sempre pagas à minha custa”<sup>3</sup>.

Em Santiago de Compostela Jorge Dias assegurou, entre outras atividades, um ciclo de conferências intitulado “Panorama da História da Cultura Portuguesa” e um curso, em espanhol, de “Literatura Universal”, no qual dava destaque particular à literatura portuguesa<sup>4</sup>. Ambos os cursos parecem ter sido um êxito. Assim, no seu relatório de atividades relativo ao 1.º semestre de 1945, Jorge Dias refere que as conferências “têm tido uma frequência superior a Jaime Cortesão, António Sérgio e Hernâni Cidade, quando há anos deram conferências naquela universidade”<sup>5</sup>. Apesar disso, é contrariado que Jorge Dias ocupa o seu lugar em Santiago de Compostela. Queixa-se do tempo: “em Santiago há 160 dias de céu encoberto por ano, o que diminuirá sensivelmente o prazer de viver que me caracteriza. Em Berlim, nunca os aviões dos aliados conseguiram encobrir-me o sol por tanto tempo”<sup>6</sup>. E não gosta também de dar aulas em espanhol: “é um esforço enorme ter de falar durante uma hora numa língua que não me é familiar”<sup>7</sup>. Por isso, em dezembro de 1945, na sequência da proposta de Orlando Ribeiro para a sua integração no quadro de bolseiros do Centro de Estudos Geográficos, insiste — sem êxito — com Medeiros Gouveia a esse respeito<sup>8</sup>.

Depois de dois anos na Galiza, Jorge Dias é nomeado, em 27 de junho de 1946, leitor de português em Madrid, onde se manterá até 6 de junho de 1947. Mas, mais uma vez, parece ser grande a sua insatisfação com o novo lugar. Queixa-se repetidamente ao IAC da falta de meios, do baixo valor do subsídio de que auferia e da indiferença do embaixador português em Madrid relativamente às atividades do leitorado<sup>9</sup>. Apesar disso, é durante a sua estada em Madrid — onde Margot Dias lhe

<sup>3</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-11/01439/5, doc. 20.

<sup>4</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-1/01336/04, doc. 23.

<sup>5</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-1/01336/04, doc. 35.

<sup>6</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-1/01336/04, doc. 19.

<sup>7</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-1/01336/04, doc. 23.

<sup>8</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-1/01336/04, doc. 15/2.

<sup>9</sup> O embaixador português em Madrid era então Carneiro Pacheco, salazarista convicto, antigo Ministro da Educação do Estado Novo e Presidente da União Nacional.

fará companhia durante oito semanas<sup>10</sup> e onde estudará “musicologia folclórica”<sup>11</sup> — que começa a surgir, para Jorge Dias, a luz ao fundo do túnel. Como escreve Ernesto Veiga de Oliveira, “em seguimento às sondagens particulares por parte de Mendes Correia e do Instituto de Alta Cultura” é então que recebe e aceita “o convite que lhe é dirigido para ingressar no Centro de Estudos de Etnologia Peninsular [CEEP] e aí organizar a investigação etnográfica” (1968: 11). Da parte do IAC parece ter sido decisivo neste convite o seu diretor, Amândio Tavares. Assim, numa carta para Medeiros Gouveia de fevereiro de 1947, Jorge Dias escreve que esteve com Amândio Tavares (1900-1974) no Porto, que “me disse irem bem encaminhados os assuntos relativos ao Centro e que V. Ex.<sup>a</sup> já tinha falado com o Prof. Mendes Correia”<sup>12</sup>. É já na perspectiva dessas suas novas funções que, ainda em Espanha, Jorge e Margot Dias fazem uma visita a Barcelona, para estudar “a organização dos diferentes organismos que se dedicam à etnografia”. E acrescenta, “nós não poderemos, com os meios que possuímos, aproximar-nos sequer do [que] aqui já se conseguiu e projetou”<sup>13</sup>. Pouco meses depois desta carta para o IAC, no verão de 1947, Jorge Dias está de regresso a Portugal como secretário do CEEP, encarregado da secção de Etnografia do Centro e seu investigador. Podia — finalmente — cumprir o seu sonho: dedicar-se a tempo inteiro à investigação etnológica.

O Centro de Estudos de Etnologia Peninsular — dirigido por Mendes Correia (1888-1960) e sediado no Porto — havia sido criado em 1945<sup>14</sup>. Os seus objetivos eram ambiciosos. Geograficamente, possuía a ambição — que poucos frutos deu — de articular a investigação em Portugal com a pesquisa realizada em Espanha. Disciplinarmente, o desenho do Centro — reminescente de concepções oitocentistas das “ciências do homem”, entretanto caídas em desuso — combinava antropologia física e biologia humana com pré-história e com etnografia e folclore. A opção pelas duas primeiras disciplinas era natural: estas correspondiam a disciplinas praticadas por Mendes Correia e por alguns colaboradores iniciais do Centro, com relevo para Alfredo de Ataíde. Faltava cobrir a área da etnografia<sup>15</sup>. Foi essa a tarefa de que Jorge Dias foi encarregue. Como me disse Benjamim Pereira em entrevista,

---

<sup>10</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-1/01240/02, doc. 32.

<sup>11</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-1/01240/02, doc. 43.

<sup>12</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-1/01240/02, doc. 34.

<sup>13</sup> Arquivo do Instituto Camões PT/MNE/CICL/IC-1/01240/02, doc. 40.

<sup>14</sup> Sobre Mendes Correia, ver Matos (2023).

<sup>15</sup> Para uma apresentação geral do CEEP, ver Oliveira (1968:7-11).

*O que aconteceu foi que, quando o Jorge Dias pensa criar um núcleo de etnografia em Portugal, fala com uma pessoa que foi muito importante, que era o Medeiros Gouveia, que era o secretário do IAC, Instituto de Alta Cultura. É evidente que estudou-se onde é que essa equipa poderia eventualmente encontrar apoio, onde é que se poderia sediar. E de repente surgiu a hipótese do Instituto de Antropologia do Porto [onde ficaria baseado o CEEP], porque no Instituto o Mendes Correia já estava com grande proeminência. Então o Jorge Dias entabula relações com o Mendes Correia, entendem-se muitíssimo bem, o Mendes Correia adere incondicionalmente à ideia do Jorge Dias, e não é por acaso que o Mendes Correia depois prefacia *Os Arados do Jorge Dias*, Houve ali um entendimento manifesto que facilitou esse arranque (Pereira 1996).*

## **JORGE DIAS E MENDES CORREIA**

São alguns dos passos iniciais da pesquisa de Jorge Dias no CEEP que as onze cartas a seguir publicadas — endereçadas por Jorge Dias a Mendes Correia — permitem acompanhar. Cobrindo o período que vai de 1947 a 1949, essas onze cartas — todas elas manuscritas — fazem parte de uma correspondência mais vasta entre ambos que se iniciou em 1947 e se estendeu até 1953. Integrando um total de 25 cartas, essa correspondência foi devolvida a Jorge Dias pela viúva de Mendes Correia logo após a morte deste último em 1960, e encontra-se depositada no Arquivo Jorge e Margot Dias (Museu Nacional de Etnologia)<sup>16</sup>. Deste arquivo fazem também parte cartas de Mendes Correia para Jorge Dias, mas todas elas são posteriores a 1949<sup>17</sup>. Trata-se de uma correspondência relativamente regular, que se explica pela circunstância de, nesse período, Jorge Dias viver em Lavadores (Vila Nova de Gaia) e Mendes Correia residir em Lisboa, onde era deputado pela União Nacional à Assembleia Nacional e diretor da Escola Superior Colonial. Para além de eventuais telefonemas e conversas presenciais, a correspondência escrita parece ter sido um meio privilegiado de contacto entre ambos.

---

<sup>16</sup> Arquivo Jorge e Margot Dias, Museu Nacional de Etnologia, pasta JD4/1(3).

<sup>17</sup> São 15 essas cartas, todas elas referentes a um período posterior (1949-1953) ao período coberto pelas cartas agora selecionadas. Ver Arquivo Jorge e Margot Dias, Museu Nacional de Etnologia, JD4/pasta 4.

Os tópicos mais abordados nas cartas referem-se a assuntos práticos relacionados com o CEEP e a informações relativas à pesquisa de Jorge Dias e da Secção de Etnografia do Centro. Mas há também referências à internacionalização da sua pesquisa e — sobretudo nas cartas iniciais — são frequentes as chamadas de atenção para a importância dos estudos etnográficos em Portugal.

Esses temas encontram-se também presentes na correspondência de Jorge Dias com o IAC (depositada no Arquivo do Instituto Camões) e nos relatórios anuais da Secção de Etnografia do CEEP (depositados nos arquivos do Instituto Camões e nos arquivos do CEE [Museu Nacional de Etnologia]), mas são tratados nas cartas com mais liberdade de linguagem.

Essa liberdade é muito evidente nos desabafos sobre as dificuldades encontradas por Dias para a obtenção de meios humanos e financeiros para a concretização dos seus objetivos e sobre as dificuldades de “fazer coisas” em Portugal. Logo num das primeiras cartas para Mendes Correia, Jorge Dias, escreve:

*Infelizmente vejo que não se conseguiu nada, pois a verba destinada ao Centro pode ser considerada ridícula. Um Centro com um Diretor e um Secretário parece-me pura ficção e espero que o IAC não se contente com organismos científicos desta ordem. Contudo, a minha experiência dos últimos anos torna-me um tanto ou quanto desconfiado, e temo ver goradas todas as esperanças de realizar uma obra séria como etnógrafo. Enfim, demos tempo ao tempo e se não pudermos realizar desta maneira procuraremos outra, pois na vida nada me mete medo (6-9-47).*

Na mesma carta, lamenta ter que pagar do seu bolso a pesquisa conduzida no âmbito do CEEP: “Só neste mês gastei eu mais que o que me paga o IAC nos meus trabalhos de levantamento da carta do arado”. E mais tarde queixa-se do “peso da burocracia”: “o mau é que a gente tem de perder um tempo precioso com coisas burocráticas ou de expediente, que nada rendem” (1-11-48). Mas é sobretudo na carta de 28-IX-49, que é mais evidente a sua desilusão:

*São tão poucos, tão aflitivamente poucos os que não são cadáveres adiados que procriam! Então este nosso país é, verdadeiramente, uma antecâmara da morte! Na palidez melancólica dos tristes, que cruzamos nas ruas, só vem estampada a inveja e a maledicência. E o pior é que isto faz-nos mal; rebaixa-nos humanamente. Treze anos que passei fora do país foram um banho de humanidade e sentido elevado da vida, que a pouco a pouco se vai oxidando em contacto com esta atmosfera húmida.*

*Ainda V. Ex.<sup>a</sup> mostra ser todo feito de metal precioso e pode resistir a corrosão, mas eu, que apenas consegui uma camada por galvanoplastia no estrangeiro, vivo sempre sob o receio de que o chumbo apareça de novo à superfície (28-IX-49).*

Dois meses depois volta à carga: “Quando cheguei do estrangeiro não sabia ainda as imensas dificuldades com que nesta terra se tem de lutar para realizar qualquer coisa” (24-XII-49).

Noutros pontos da correspondência agora publicada é a mesma liberdade de linguagem que encontramos, como, por exemplo, na apreciação muito negativa que Dias faz do trabalho do etnomusicólogo Armando Leça (1891-1977):

*V. Ex.<sup>a</sup> pode ver o livro do Senhor Armando Leça. Que desorientação e falta de lógica! Mesmo que esse Senhor tenha colhido elementos durante uma vida de dedicação à musica popular, ninguém os pode aproveitar. As músicas não são completas, não relaciona a letra com a música, não classifica, nem ordena nem faz absolutamente nada de proveito. É mesmo uma lástima, pois há outros, que embora não tenham grande orientação, fornecem pelo menos elementos para trabalhos futuros.*

Esta liberdade de linguagem convive, entretanto, com um relacionamento respeitoso de Jorge Dias para com Mendes Correia. Este é evidente nas formas de tratamento que Jorge Dias emprega no início e no fim das suas cartas. Começando por tratar Mendes Correia por “Exmo. Senhor Professor Mendes Corrêa” (8-VII-47), continua depois a tratá-lo por “V. Ex.<sup>a</sup>”, mas também por “Meu Exmo. Amigo”. As despedidas caracterizam-se pelo mesmo tom. Na carta de 6-9-47, Dias termina escrevendo “sou com a mais elevada consideração e estima”. Em 8-VII-47, finaliza a carta solicitando a Mendes Correia que “aceite os meus cumprimentos de sincero admirador”. Numa outra carta, os cumprimentos finais de Dias são extensivos à esposa de Mendes Correia: “peço para apresentar os meus respeitosos a sua Exma. Esposa com os melhores cumprimentos e toda a consideração do Jorge Dias (31-I-49).

São também vários os elogios dispensados por Jorge Dias a Mendes Correia: “V. Ex.<sup>a</sup>. (...) tem uma sólida e merecida reputação científica, com uma obra enorme e valiosa a desfazer todos os ataques” (carta de 6-9-47). Na mesma carta elogia “a ampla visão das coisas [de Mendes Correia], ou seja, destes homens de ciência que não conhecem compartimentos estanques”. Mais tarde, em carta de 24-XII-49, é ainda mais enfático:

*Devo dizer que com o decorrer de tempo tenho aprendido a apreciar cada vez mais as invulgares qualidades de V. Ex.<sup>a</sup> e que é com verdadeiro prazer que colaboro na grande obra que consegui realizar. Quando cheguei do estrangeiro não sabia ainda as imensas dificuldades com que nesta terra, se tem de lutar para realizar qualquer coisa. Não podia portanto avaliar da grandeza da obra científica, que o país deve a V. Ex.<sup>a</sup>. Por isso, o apreço que inicialmente sentia aumentou consideravelmente. Embora eu me conduza de outra maneira, nem por isso deixo de ter o mesmo respeito e consideração por V. Ex.<sup>a</sup>. Talvez isto até seja desnecessário, pois parece-me que V. Ex.<sup>a</sup> já compreendeu isso muito bem. Contudo, não perco nada em insistir neste ponto, pois muito sinceramente gostava que V. Ex.<sup>a</sup> soubesse que tem em mim um verdadeiro amigo, sempre leal e sempre pronto a ser útil, desde que isso não vá contra a minha maneira de ser (24-XII-49).*

Apenas numa ocasião, se notam fricções entre Mendes Correia e Jorge Dias, expressas numa carta de Jorge Dias de 20-II-49. O motivo parece ter sido o desapontamento de Jorge Dias em relação ao escasso montante do financiamento recebido pela Secção de Etnografia, em comparação com outras secções do CEEP. Isso terá gerado algum descontentamento da parte de Mendes Correia, que Jorge Dias procura apaziguar:

*não posso compreender o que sucedeu, pois da minha parte, como digo, só tem havido interesse em bem servir os interesses do Centro, que são os do meu Exmo. Senhor. Se não fosse isso, eu procuraria só falar das necessidades da minha secção, e nunca mostraria interesse nos desenvolvimentos das outras. Como não foi este o caso, confesso que estou ansioso por saber quais as razões que aborreceram V. Exa. e que pode crer que me devem ser absolutamente estranhas, pois tenho procedido com a toda lealdade, nunca procurando salientar-me mais que o necessário para uma vida de relação normal. Espero, pois, que V. Exa. consiga esclarecer o caso para ter a certeza que da minha parte só tem um leal colaborador, como facilmente posso provar ao meu Exmo. Amigo.*

Na correspondência de Mendes Correia para Jorge Dias, verificamos também, da parte do primeiro, um tratamento igualmente deferente em relação a Jorge Dias, que trata por “meu querido amigo” e cujas qualidades admira. Por exemplo, em carta



de 26-IX-49, Mendes Correia, convidado a redigir o prefácio de *Os Arados Portugueses e as Suas Prováveis Origens* (1948)<sup>18</sup>, escreve sobre Dias o seguinte: “Quanto ao prefácio é apenas justiça o que digo a seu respeito e a respeito do seu labor e também não é mais do que justiça o registo do contraste entre este e a quase geral penúria da nossa etnografia”. Agradecendo o envio de um artigo de Jorge Dias escreve ser “trabalho sugestivo, erudito e inteligente. Parabéns! E continue na sua tarefa tão proveitosa e brilhante” (carta de 26-2-50).

É compreensível que as relações entre Dias e Mendes Correia decorressem neste registo de mútuo respeito e estima. Independentemente das diferenças entre eles — que eram muitas —, Jorge Dias não só considerava Mendes Correia um cientista de grande prestígio nacional e internacional, como tinha sido ele a proporcionar-lhe as condições de trabalho a que almejava desde o seu regresso da Alemanha. Quanto a Mendes Correia, via Jorge Dias como um trunfo particularmente importante para a afirmação do CEEP. Ele, mais do ninguém, sabia ver a diferença entre Dias e a sua equipa e os restantes colaboradores do Centro.

## **JORGE DIAS: REALIZAÇÕES E PREOCUPAÇÕES**

Marcadas por este tom simultaneamente livre e deferente, as cartas de Jorge Dias para Mendes Correia permitem dar conta das ambições e dos projetos de Dias para a Seção de Etnografia do CEEP. Logo em 1947 — naquela que parece ser a sua primeira carta para Mendes Correia — apresenta em anexo um ambicioso “plano de trabalhos”. Esse plano elencava as prioridades da sua pesquisa, com relevo para o estudo dos arados, das instituições comunitárias e do cancionero popular (a cargo de Margot Dias).

Relativamente ao primeiro tópico, Dias escreve ser seu objetivo o

*estudo, classificação e localização do arado primitivo em todas as regiões do país, para a primeira folha do Atlas Etnográfico de Portugal, que se levará a cabo de acordo com os investigadores espanhóis, de maneira a que se possa realizar o Atlas Etnográfico de toda a Península com o mesmo método e simbologia.*

---

<sup>18</sup> Embora a data oficial de edição de *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens* seja de 1948, a correspondência entre Jorge Dias e Mendes Correia acerca do “preâmbulo” que este último escreveu para o livro é de 1949. Provavelmente o livro foi realmente publicado em 1949, correspondendo 1948 à data administrativa em que ele foi editado na *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XVII.

Relativamente ao segundo tópico, Dias define como prioridades a realização de “estudos monográficos de aldeias com interesse etnográfico, sobretudo aquelas que conservam ainda organizações próprias de tipo comunitário” e “estudos das Instituições Comunitárias em Portugal”. Em relação ao cancioneiro definem-se como prioridades a “formação dum ficheiro de canções de todo o país que sirva de base séria à realização dum futuro Cancioneiro Musical Português” e a realização de “estudos musicais de algumas aldeias, como complemento de monografias etnográficas locais”. As referências à necessidade de organização de ficheiros — nomeadamente fotográficos — deve ser também relevada. Inicia-se aqui uma metodologia de recolha e tratamento de informação que será decisiva no desenvolvimento das pesquisas do CEEP.

Simultaneamente, o plano lista os meios humanos e materiais necessários à atividade da Secção de Etnografia do CEEP. Entretanto, estas necessidades só parcialmente serão atendidas. Fernando Galhano (1904-1995), Margot Dias e, mais tarde, Laura Peters Arriscado (nascida em 1923) são aceites como bolseiro(a)s do CEEP, mas Veiga de Oliveira só em 1953 entrará para o Centro<sup>19</sup>. Há também, como vimos, queixas de Dias relativas à exiguidade das verbas destinadas à Secção de Etnografia do CEEP. Mas, no essencial — embora grande parte da pesquisa seja realizada por Jorge Dias — os objetivos traçados vão sendo cumpridos.

Por isso, outro dos aspetos que as cartas de Jorge Dias para Mendes Correia permitem surpreender são justamente os caminhos que a pesquisa etnográfica de Jorge Dias tomou entre 1947 e 1949. Já vimos antes que, durante os anos dos seus leitorados em Espanha Jorge Dias revisitou — com Margot Dias — Vilarinho da Furna. O objetivo desta(s) revisita(s) parece ter sido o de recolher dados adicionais — nomeadamente relativos ao “Cancioneiro” (a cargo de Margot Dias) — e de atualizar a informação recolhida entre 1941 e 1943, tendo em vista a transformação da tese de doutoramento em livro.

---

<sup>19</sup> Laura Peters Arriscado, licenciada em biologia e bolseira do CEEP entre 1950 e 1951, era casada com Henrique d'Oliveira, um primo direito de Ernesto Veiga de Oliveira que — segundo a filha, arquiteta Marta Oliveira — embora licenciado em engenharia civil e engenharia de minas, se interessava por “paisagens, pelas serras (em especial do Norte, Gerês, Soajo, Peneda, serra de Arga), o mar, a praia (desde que não tivesse [muita] gente). Gostava muito de fotografia, e são dele algumas fotografias de casas de aldeias serranas e de sargaceiros que integram as fichas guardadas no Museu de Etnologia” (Oliveira, Marta, 2020). “Falava alemão (por via da sua mãe, que era alemã). Nessa condição esteve como intérprete no congresso de Geografia de 1949. Esteve com Jorge Dias em Rio de Onor, como bolseira, e conserva muitas memórias do período em que lá foi. Depois casou e durante muitos anos não exerceu uma profissão; mais tarde seria professora do ensino secundário, até se aposentar” (Oliveira, Marta, 2020). Como bolseira do CEEP — para além de ter acompanhado Jorge Dias em Rio de Onor — Laura Peters Arriscado esteve envolvida num projeto próprio sobre “Práticas Pré-Nupciais em Portugal”. Teve também a seu cargo a reunião de referências bibliográficas sobre etnografia portuguesa (linha de trabalho que dará mais tarde origem à *Bibliografia Analítica da Etnografia Portuguesa*, de Benjamim Pereira [1965]) (cf. Relatórios Anuais do CEEP de 1950 e 1951, Arquivo do CEE, Museu Nacional de Etnologia).

Paralelamente, Jorge Dias irá estabelecer um produtivo diálogo com Orlando Ribeiro, cujos artigos “L’Habitat Rural au Portugal” (1938) e “Villages et Communes Rurales au Portugal” (1940) tinham já sido importantes para a sua tese de doutoramento e que irá prefaciá-la edição portuguesa de Vilarinho da Furna. São inúmeras as cartas que ambos trocam sobre esse tema<sup>20</sup>. Quando Dias entrou para o CEEP, esta linha de pesquisa centrada em Vilarinho da Furna parecia já estar muito adiantada, de tal forma que Jorge Dias pergunta em carta de 8-VII-47 a Mendes Correia onde poderá ser editada a monografia (que será publicada em 1948).

Esta apresenta algumas modificações relativamente à tese. Entre elas, uma é particularmente relevante: a estabilização da terminologia empregue por Dias para designar a organização económica e social de Vilarinho da Furna em torno da expressão “comunitário(a)”. De facto, como notou Luísa Gonçalves,

*Enquanto na tese são utilizadas as designações de “aldeia comunalista”, “povo comunalista”, “organização comunalista”, “usos comunitários”, “fase comunitarista”, “sistema coletivista”, “vida comunalista”, “organização coletiva”, as designações presentes no livro valorizam uma terminologia construída a partir do substantivo/adjetivo “comunitário(a)”. Embora surjam expressões como “aspectos da vida comunal”, “organização coletiva”, “hábitos comunalistas”, são mais correntes expressões como “organização comunitária”, “sobrevivência comunitária”, “focos comunitários”, “organização social comunitária”, “traços comunitários”, “usos comunitários”, “laços comunitários”, “povo comunitário”, ou “vida comunitária” (Gonçalves, 2023: 20).*

Ao mesmo tempo que finalizava a versão portuguesa de Vilarinho da Furna, Jorge Dias — em consonância com o “plano de trabalhos” apresentado a Mendes Correia — projetava para novas direções este seu interesse pelo comunitarismo. É então que ganha mais expressão a sua pesquisa em torno de Rio de Onor — referida nas cartas de 6-9-47, de 27-VIII-48 e de 28-IX-49 — que conduzirá, em 1953, à publicação de *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril* (Dias, 1953). Simultaneamente realiza várias excursões no Alto Minho e em Trás-os-Montes “para colher elementos sobre restos de comunitarismo de maneira a melhor poder enquadrar Rio de Onor” (carta de 28-VII-48).

A par do comunitarismo, outra frente de trabalho é constituída — mais uma vez em consonância com o “plano de trabalhos” apresentado a Mendes Correia — pela pesquisa sobre os arados, que irá conduzir à publicação de *Os Arados*

---

<sup>20</sup> Ver Arquivo Jorge e Margot Dias, Museu Nacional de Etnologia, pasta JD4/1 (3).

*Portugueses e as suas Prováveis Origens* (Dias 1948b). Esta pesquisa é referenciada em várias cartas para Mendes Correia, com particular destaque para a carta de 6-9-47. Nela Jorge Dias escreve:

*Já consegui achar arados antigos em 25 concelhos, pois interessava-me não deixar concelhos em branco afim de se obter depois na carta zonas bem claras e tipos diferentes de arados, para os relacionar com outras manifestações culturais de outros povos (...). Pelo menos já fotografei, desenhei e medi uns 43 arados e espero acabar pelo menos esta folha do atlas nem que tenha de ser à minha custa. Até agora já encontrei três tipos diferentes.*

Para além destes dois eixos centrais de pesquisa, percebe-se que Jorge Dias tirava partido das suas excursões — ou, como ele escreve, da sua “vagabundagem” (carta de 6-9-47) — para recolhas de informação sobre outros aspetos da cultura popular portuguesa, desde a transumância (carta de 8-VII-47) até aos sistemas primitivos de moagem (carta de 1-11-48). As construções primitivas — como mostram as suas publicações entre 1948 e 1950 — também faziam parte da sua agenda de pesquisa. Nalgumas das suas excursões é acompanhado por Fernando Galhano, que inicia então a sua pesquisa sobre alfaias agrícolas (carta de 27-VIII-48). Foi também neste período que Jorge Dias se investiu na pesquisa — solicitada por Orlando Ribeiro — que irá conduzir à redação do livro *Minho, Trás-os-Montes, Haut Douro* (Dias 1949) para o Congresso Internacional de Geografia, que teve lugar em Lisboa em 1949. É nesse âmbito que realiza, por exemplo, uma deslocação ao “Algarve [para] auxiliar o Mariano Feio [que havia conhecido em Berlim] nos estudos de geografia humana que tem que preparar para o Congresso de Geografia de 1948” (carta de 6-9-47).

Apesar da sua diversidade temática, a pesquisa de Jorge Dias entre 1947 e 1949, é caracterizada por alguns traços unificadores. Um deles tem que ver com a centralidade do trabalho de campo, seja sob uma forma mais intensiva — como em Vilarinho da Furna e em Rio do Onor — seja sob a forma de *extensive survey* (a “vagabundagem” de que fala Jorge Dias). Sendo praticante dessas excursões no norte rural de Portugal antes ainda da sua partida para a Alemanha, Jorge Dias — e os seus companheiros — podiam agora dar uma finalidade “superior” à sua sedução “pastoral” pelos campos (Leal 2001).

Nessa sedução avulta, em segundo lugar, o primado do que é mais arcaico, que se expressa tanto na escolha de temas, como no olhar que pousa sobre eles. É o arcaísmo que une entre si comunitarismo, arados, transumância ou construções primitivas. É também por isso que Jorge Dias se entusiasma quando descobre um

*arado sem aivecas muitíssimo arcaico e de que havia notícias no séc. XVI segundo Leite de Vasconcelos. Afinal como estes nossos compatriotas ainda vivem em plena idade média, não admira que ainda conservem tão antigo exemplar (carta de 6-9-47).*

Na mesma carta, referindo-a à sua pesquisa sobre os arados, escreve ser “preciso procurar lavradores velhos e tradicionalistas apegados às coisas do passado”.

Pela mesma razão, quando revê a sua tese sobre Vilarinho da Furna, Jorge Dias manifesta a sua grande “preocupação relativamente ao abandono dos costumes tradicionais, uma vez que se verificavam em Vilarinho da Furna e no mundo rural em geral alguns ventos de mudança e a influência da modernidade citadina” (Gonçalves, 2023: 3). Este olhar arcaizante, que será uma constante do trabalho posterior de Jorge Dias e da sua equipa, encontra aqui as suas primeiras expressões.

A preferência desse olhar arcaizante pela cultura material também aqui se esboça. Se bem que o comunitarismo seja prioritário na pesquisa de Dias entre 1947 e 1949, esta abarca igualmente os arados e outras alfaías agrícolas — estas últimas a cargo de Fernando Galhano — e as construções primitivas. O futuro mostrará a importância desse investimento de Dias e dos seus companheiros na materialidade das culturas camponesas, resultante em larga medida de uma conceção da etnografia que toma como certo o declínio irreversível dessas culturas (no que Jorge Dias e os seus companheiros tinham alguma razão).

Em resumo: o que a correspondência de Jorge Dias para Mendes Correia permite surpreender são os primeiros passos de um programa etnográfico que, com o tempo, se irá consolidando e avançará para novas direções de trabalho.

Jorge Dias insiste repetidamente sobre a importância desse programa. Em 8-VII-47, justificando os meios humanos e materiais solicitados, escreve:

*podíamos realizar uma obra verdadeiramente científica e de grande futuro, estabelecendo pela primeira vez em Portugal as bases da Etnografia como ciência, coisa que nunca será possível sem uma organização séria. Não nos falta gente com elevada capacidade, mas que pode essa gente fazer se não houver uma organização que colha e ordene os elementos e estabeleça as bases de todo o trabalho científico sério? (carta de 8-VII-47)*

Numa outra carta para Mendes Correia volta a insistir sobre a necessidade de dar um estatuto científico aos estudos etnográficos:

*Como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, a Etnografia em Portugal não chega a ter fins de ciência, e para que o venha a ser, é necessário estabelecer-se bases sérias, não só dando diretrizes teóricas, como ordenando e sistematizando os elementos dispersos por inúmeras revistas e jornais, coligindo fenómenos em vias de desaparecimento e elaborando depois o material com espírito crítico e interpretativo. Para realizar tal obra não basta o trabalho individual e é necessário que um centro oriente esses trabalhos mercê dum pequeno grupo de colaboradores e de alguns técnicos. Ora isto parecia ter encontrado agora uma oportunidade, mas logo no limiar do edifício se anteveem os obstáculos (carta de 6-9-47).*

Simultaneamente, as cartas de Jorge Dias para Mendes Correia permitem também acompanhar os seus primeiros passos em direção à internacionalização da sua pesquisa. Esse objetivo aparece enunciado no “plano de trabalhos” que apresenta a Mendes Coreia em 1947, quando Dias refere pretender “promover intercâmbio científico com o estrangeiro, sobretudo com Espanha, estabelecendo contacto permanente com os principais organismos da especialidade e convidando investigadores a virem conferências a Portugal”. De entre esses passos avulta a inscrição da sua pesquisa sobre os arados num eventual “Atlas Etnográfico de toda a Península [Ibérica]”. São também deste período os seus primeiros contactos com a CIAP, organismo da UNESCO que agrupava folcloristas e etnólogos europeus, do qual — mais tarde — Jorge Dias será o secretário-geral (Rogan, 2015). É também então que alguns conferencistas estrangeiros são convidados pelo CEEP, avultando entre eles Gerhard Rohlfs, que havia sido o orientador de Jorge Dias em Munique (ver Leal, 2023a). Sobre este escreve Jorge Dias a Mendes Correia:

*Eu gostava muito que cá viesse o Prof. Gerhard Rohlfs de Munique, que vem representar a Academia da Baviera a Madrid durante a comemoração do Centenário da Real Academia das Ciências Físicas e Naturais. Se o meu Exmo. Amigo se não importasse em tratar disso. De Madrid aqui era um salto e ele vinha cá ao Centro fazer uma conferência sobre etnografia italiana. Ele foi um dos autores do Atlas linguístico da Itália e é uma das grandes figuras da etnografia linguística mundiais (31-1-49).*

Esta procura de parcerias internacionais produz alguns frutos. Como refere Jorge Dias, sem esconder uma ponta de orgulho, “o meu Vilarinho tem tido críticas muito favoráveis em várias revistas estrangeiras. Parece que agradou mais lá fora

do que cá, o que talvez seja bom sinal” (carta de 28-VII-48). Ainda embrionária, esta vontade de internacionalização virá a tornar-se um aspeto particularmente relevante da atividade de Dias a partir de 1950 (ver Leal, 2021, 2023b).

## CONVITE À LEITURA

As cartas de Jorge Dias para Mendes Correia a seguir apresentadas permitem, pois, fornecer uma visão de conjunto dos primeiros passos da atividade desenvolvida por Jorge Dias no âmbito do CEEP, Centro a que ficará ligado até 1968, quando o CEEP é substituído pelo Centro de Estudos de Etnologia (CEE). Possibilitam igualmente perceber os contornos do relacionamento entre Dias e Mendes Correia. Do ponto de vista científico — como ficou atrás sugerido — foi Orlando Ribeiro o seu interlocutor principal após o seu regresso a Portugal. Com Orlando Ribeiro, Dias continuará a manter, de resto, uma relação de grande proximidade e cumplicidade pessoais e seria Orlando Ribeiro a figura fulcral para a sua contratação, em 1956, como professor de etnologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entretanto, do ponto de vista institucional, foi Mendes Correia a figura central para o início da atividade de Jorge Dias como antropólogo. As afinidades científicas entre ambos eram poucas (ou nenhuma), o relacionamento entre os dois — como mostram as cartas agora publicadas — era mais formal, mas entre eles estabeleceu-se uma relação mutuamente vantajosa que foi essencial para o desenvolvimento de um novo período da antropologia portuguesa, marcado justamente pela centralidade das pesquisas de Jorge Dias e da sua equipa (Leal, 2000).

## REFERÊNCIAS

- DIAS, A. Jorge (1944). *Vilarinho da Furna: um Povo Autárquico da Serra Amarela*. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der philosophischen Fakultät der Ludwig-Maximilians-Universität zu München vorgelegt von Dr. António Jorge Dias aus Oporto/Portugal.
- DIAS, A. Jorge (1948a). *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária*, Porto, Instituto de Alta Cultura.
- DIAS, A. Jorge (1948b). *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens*, Porto, Instituto de Alta Cultura.

- DIAS, A. Jorge (1949). *Minho, Trás-os-Montes, Haut-Douro*, Lisboa Congrès International de Géographie.
- DIAS, A. Jorge (1953). *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril*, Porto, Instituto de Alta Cultura.
- DIAS, Margot (1996). Entrevista com Catarina Alves Costa e Joaquim Pais de Brito.
- GONÇALVES, Luísa (2023). *Relatório de Estágio Curricular no Arquivo Jorge e Margot Dias (Museu Nacional de Etnologia)*. Lisboa FCSH (UNL), 26 pp.
- LEAL, João (2000). *Etnografias Portuguesas (1870-1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- LEAL, João (2001). “Orlando Ribeiro, Jorge Dias e José Cutileiro: Imagens do Portugal Mediterrânico”, *Ler História* 40, pp. 141-163.
- LEAL, João (2008). “A Energia da Antropologia. Seis Cartas de Jorge Dias para Ernesto Veiga de Oliveira”. *Etnográfica* 12 (2), pp. 501-519.
- LEAL, João (2023a). “*Abreise aus Berlin*. Os Últimos Meses de Jorge Dias na Alemanha (1943-1944)”, *Etnográfica* 27 (2), pp. 495-525.
- LEAL, João (2023b). “As Redes Internacionais de Jorge Dias: EUA e Inglaterra”, Conferência Anual da Associação Portuguesa de Antropologia – Raúl Iturra, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, 22 de fevereiro.
- MATOS, Patrícia Ferraz (2023). *Anthropology, Nationalism and Colonialism: Mendes Correia and the Porto School of Anthropology*. Oxford, Berghahn.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1968). *Vinte Anos De Investigação Etnológica no Centro de Estudos de Etnologia Peninsular*. Lisboa, Instituto de Alta Cultura.
- OLIVEIRA, Marta (2020). Comunicação por email dirigido a João Leal.
- PEREIRA, Benjamim (1965). *Bibliografia Analítica da Etnografia Portuguesa*. Lisboa, IAC.
- PEREIRA, Benjamim (1996). Entrevista com João Leal.
- RIBEIRO, Orlando (1940). “Villages et Communautés Rurales au Portugal”, *Biblos, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* XVI (II), pp. 411-425.
- RIBEIRO, Orlando (1938). “L’Habitat Rural au Portugal”, *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie, Amsterdam 1938, II* (Travaux des Sections A-F), Leiden, UGI, pp. 137-144.
- ROGAN, Bjarne (2015) “A Remarkable Congress and a Beloved General Secretary: CIAP/SIEF, Arnhem 1955 and Jorge Dias”. *Etnográfica* 19 (3), pp. 567-576.



## **CARTAS DE JORGE DIAS PARA MENDES CORREIA<sup>21</sup>**

*Lavadores, 8-VII-47*

*Exmo. Senhor Professor Mendes Corrêa,*

*Peço-lhe que me desculpe só hoje lhe escrever para lhe enviar a prometida nota relativa ao Centro, mas a notícia de que partiam nesta época os rebanhos transumantes do centro da Beira para Montemuro, fenómeno, que há muito, gostava de estudar, fez com que pusesse a mochila às costas e partisse para as serranias beiroas. Foram uns dias cheios de sol e calor, mas plenos de beleza e ricos em resultados, pois não só fiquei inteirado em relação aos rebanhos transumantes, como fotografei e desenhei arados em vários concelhos colhendo sobre eles os elementos necessários. Dos rebanhos também tenho fotografias razoáveis e só lastimo que se me acabassem os rolos, pois não pude fotografar os pastores nos acampamentos de Montemuro, quando se juntam à volta do fogo e ao preparar as comidas. Mas como lá permanecem até meados de agosto, é possível que ainda lá dê um salto.*

*Já falei com o Senhor Doutor Ataíde e fiquei muito contente por V. Ex.<sup>a</sup> ter aprovado a proposta de se instalar o meu gabinete em parte da sala de espera. Nem o Doutor Ataíde, nem eu podíamos concordar em nos instalarmos no gabinete de V. Ex.<sup>a</sup>, que embora cá venha poucas vezes, de maneira nenhuma deve deixar de ter cá o seu posto. Assim foi uma ótima solução.*

*Eu envio aqui uma nota com o programa de trabalhos do Centro e a lista dos possíveis colaboradores que, claro está, se pode fazer de início, ou aos poucos, conforme parecer a V. Ex.<sup>a</sup> e de acordo com as possibilidades do I.A.C. Contudo, como o Instituto estava resolvido a auxiliar o Centro dotando-o com as verbas necessárias, era talvez melhor aproveitar e bater o ferro enquanto está quente, pois só assim poderíamos realizar uma obra proveitosa e que nos não deixe ficar muito atrás daquilo que os espanhóis querem fazer. Creio V. Ex.<sup>a</sup> que eu com estes colaboradores sou inteiramente capaz de realizar um trabalho útil, que agradará a V. Ex.<sup>a</sup>*

*O 1.º colaborador vem para nós abandonando uma situação na Comissão Reguladora de Algodão, onde ganha uns 2.500\$00. Porque prefere dedicar-se a uma atividade mais compatível com os seus interesses e cultura, e porque pertence a uma família abastada. O 2.º é minha mulher, que dedicando-se mais à musicologia*

---

<sup>21</sup> A ortografia das cartas foi atualizada e alguns erros de português foram também corrigidos. Foram introduzidas algumas notas de rodapé, que fornecem dados sobre colegas de Jorge Dias mencionados na sua correspondência com Mendes Correia.

*precisa de arranjar alguém para lhe olhar pelos pequenos, o que obriga a uma maior despesa. O 3.º é um rapaz que tem alguma coisa de seu e ganha bastante como pintor de arte, mas tem gosto por estes trabalhos e podia-lhe dedicar umas horas. O 4.º não abandona o banco, mas dedicará umas horas diárias e os fins de semana aos trabalhos no Centro.*

*Com esta gente que merece a minha inteira confiança podíamos realizar uma obra verdadeiramente científica e de grande futuro, estabelecendo pela primeira vez em Portugal as bases da Etnografia como ciência, coisa que nunca será possível sem uma organização séria. Não nos falta gente com elevada capacidade, mas que pode essa gente fazer se não houver uma organização que colha e ordene os elementos e estabeleça as bases de todo o trabalho científico sério?*

*V. Ex.ª pode ver o livro do Senhor Armando Leça. Que desorientação e falta de lógica! Mesmo que esse Senhor tenha colhido elementos durante uma vida de dedicação à música popular; ninguém os pode aproveitar. As músicas não são completas, não relaciona a letra com a música, não classifica, nem ordena nem faz absolutamente nada de proveito. É mesmo uma lástima, pois há outros, que embora não tenham grande orientação, fornecem pelo menos elementos para trabalhos futuros, mas neste caso, nem isso.*

*Eu penso, que a organização de diferentes ficheiros, como se faz noutros países é por onde devemos começar; pois ao mesmo tempo que já vamos realizando trabalhos de investigação sistematização e interpretação, colhemos os elementos úteis para todos os trabalhadores da Etnografia presentes e futuros preservando ao mesmo tempo de total desaparecimento muitos fenómenos e objetos, que ficarão arquivados nos ficheiros com as indicações necessárias e desenhadas, ou fotografias conforme a necessidade. Estamos a estudar um tipo de ficheiros fotográficos económicos e práticos, que depois apresentamos a aprovação de V. Ex.ª.*

*As músicas também devem ficar em fichas de cartolina com as linhas impressas, levando a letra e por trás todas as indicações necessárias. Será útil para a maior parte das fichas a sua ordenação por províncias e por assuntos e no caso das músicas, por melodias. Assim, tanto se podem achar os fenómenos agrupados, ou diferentes fenómenos de cada região.*

*Tudo isto não é fácil e obriga a um trabalho aturado até se ter conseguido uma base séria, sobre a qual os vindouros podem continuar a tarefa. Pena é não se poderem também coligir objetos que vão desaparecendo para continuar a obra de Sr. Leite de Vasconcelos, que nos deixou um museu que para ali está às moscas. Mas isto pode ser que se venha a conseguir mais tarde. O importante para agora é fotografar, desenhar, questionar e arquivar metodicamente todos os elementos e*

para isso são necessários estes colaboradores, que são bem menos que os que o Padre Anglés<sup>22</sup> tem só para a musicologia.

Isto é tudo que diz respeito à etnografia e à etnologia visto que muitos assuntos abrangem ambas matérias. Quanto às outras ciências não posso adiantar muito, porque sou nelas um leigo, mas estou pronto a aceitar as sugestões de V. Ex.<sup>a</sup> e a fazer tudo que for possível para não desmerecer da confiança de V. Ex.<sup>a</sup>.

Um destes dias veio falar-me, o Senhor Russel Cortez<sup>23</sup> para saber qual a sua situação dentro do Centro, dizendo-me que tem sido colaborador em arqueologia. Claro está que lhe não pude dar resposta nenhuma concreta, pois não estou autorizado a fazê-lo. Caso V. Ex.<sup>a</sup> tenha interesse em manter a colaboração deste Senhor não vejo inconvenientes nisso, simplesmente, como nada sei de arqueologia ele ficará a trabalhar individualmente e V. Ex.<sup>a</sup> pode vigiar a sua atividade. Eu acho que sendo possível não se deve impedir uma pessoa com interesses e qualidades de investigador de se realizar e como V. Ex.<sup>a</sup> já o conhece e pode sempre seguir os trabalhos que vai realizando, pode V. Ex.<sup>a</sup> muito bem manter-lhe a bolsa. Só o que muito pedia é que isso não fosse em prejuízo daqueles que indico, e que me parecem indispensáveis para levar a cabo este plano de trabalhos que apresento à apreciação de V. Ex.<sup>a</sup>.

Também gostava de perguntar a V. Ex.<sup>a</sup> qual a maneira de publicar uma monografia sobre Vilarinho da Furna, que já tenho pronta desde o princípio do ano. Como é uma monografia etnográfica, dum pequeno povo serrano, vive ainda sob um regime comunalista, apresento todas as formas da sua atividade, era desejo meu que fosse publicado em forma de livro, mas está claro dentro das normas da publicação do Centro e com a capa usada nestas publicações. Como tem fotografias, desenhos e música a edição não é barata, mas também um dos objetivos do Centro é mostrar que não está parado e por isso seria bom ir acumulando alguns trabalhos.

Querida, também, pedir a V. Ex.<sup>a</sup> se visse que isso não era abusivo, utilizar o ficheiro que está no gabinete de V. Ex.<sup>a</sup> para evitar assim essa despesa inicial. Mas se V. Ex.<sup>a</sup> puder precisar dele, então pensa-se em arranjar um para o Centro.

Como V. Ex.<sup>a</sup> vê, não apresento verbas para as diferentes despesas que o Centro deve vir a fazer, e isto porque não tenho grande prática destes assuntos, e não queria pôr-me a fazer o que não sei. Pedia, pois, a V. Ex.<sup>a</sup> o favor de calcular aquilo que supõe preciso, e se por acaso V. Ex.<sup>a</sup> entender que o devo fazer agradecia se V. Ex.<sup>a</sup> que desse alguma indicação para eu ter uma base qualquer.

---

<sup>22</sup> Trata-se provavelmente de Higinio Anglés Pamies (1888-1969), sacerdote e musicólogo espanhol.

<sup>23</sup> Fernando Russell Cortês (1913-1994) era um arqueólogo ligado a Mendes Correia que também se interessou pela história de arte e pela etnografia.

*Peço a V. Ex.<sup>a</sup> que me desculpe esta já tão longa carta e que aceite os meus cumprimentos de sincero admirador*

*Jorge Dias*

### **Plano de trabalhos a encetar pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular**

1. Estudo, classificação e localização do arado primitivo em todas as regiões do país, para a primeira folha do Atlas Etnográfico de Portugal, que se levará a cabo de acordo com os investigadores espanhóis, de maneira a que se possa realizar o Atlas Etnográfico de toda a Península com o mesmo método e simbologia.
2. Formação dum ficheiro etnográfico por assuntos e por regiões como base de trabalhos futuros de síntese, ou gerais.
3. Formação dum ficheiro fotográfico de assuntos que interessam à Etnografia.
4. Realização de pequenos trabalhos preparatórios aproveitando os estudos feitos para fazer o ficheiro.
5. Estudos monográficos de aldeias com interesse etnográfico, sobretudo aquelas que conservam ainda organizações próprias de tipo comunitário.
6. Estudos das Instituições Comunitárias em Portugal.
7. Formação dum ficheiro de canções de todo o país que sirva de base séria à realização dum futuro Cancioneiro Musical Português.
8. Estudos musicais de algumas aldeias, como complemento de monografias etnográficas locais.
9. Promover intercâmbio científico com o estrangeiro, sobretudo com Espanha, estabelecendo contacto permanente com os principais organismos da especialidade e convidando investigadores a virem conferenciar a Portugal.

### **Lista de colaboradores propostos**

1. *Investigador-coletor*, Sr. Ernesto Veiga de Oliveira, licenciado em direito e licenciado em ciências histórico-filosóficas, possuindo além disso conhecimentos musicais que lhe permitem colaborar em musicologia.
2. *Musicólogo e coletor musical*, Sra. Margot Schmidt Dias, com o curso de piano da Academia de Música de Munique, com exame de estado e com o curso de Mestre (o mais alto grau conferido pelos conservatórios alemães).

3. *Desenhista artístico*: Fernando Barbedo Galhano, pintor de arte, com várias exposições, quadros em museus e um prémio.
4. *Arquivista e fotógrafo*: Álvaro Dias de Almeida empregado bancário, já há muito tempo interessado por fotografias e assuntos etnográficos e com as qualidades de método e organização necessárias para a desejada atividade<sup>24</sup>.

### **Relação de colaboradores, material e verbas de despesas necessárias para o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular**

1 Investigador coletor	1.500\$00	mensais
1 musicólogo e coletor musical	750\$00	“
1 desenhista artístico	500\$00	“
1 arquivista e fotógrafo	500\$00	“
Verbas para excursões do Secretário	6.000\$00	mensais
Verbas para excursões de musicologia	6.000\$00	“
Verbas para excursões de colaboradores	6.000\$00	“

verba para fichas

verba para fotografias

verba para fichas de musicologia

verba para material de desenhista

verba para publicações

verba para papel timbrado para correspondência

verba para pastas de arquivo de correspondência

verba para conferências de estrangeiros

verba para selos de correio

\* \* \*

---

<sup>24</sup> Não consegui obter informações sobre Álvaro Dias de Almeida. Dado o seu apelido, idêntico ao da primeira mulher de Jorge Dias (Maria Madalena Dias de Almeida, que era sua prima direita), parece tratar-se de um familiar de Jorge Dias.

Lavadores, 6-9-47

*Meu Exmo. Amigo,*

*Já tinha principiado a escrever-lhe hoje de manhã quando o correio me veio trazer a sua amável carta. Muito obrigado pelas suas palavras e pelos esforços que sei ter empregado para levar a bom termo a causa do Centro.*

*Infelizmente vejo que não se conseguiu nada, pois a verba destinada ao Centro pode ser considerada ridícula. Um Centro com um Diretor e um Secretário parece-me pura ficção e espero que o IAC não se contente com organismos científicos desta ordem.*

*Contudo, a minha experiência dos últimos anos torna-me um tanto ou quanto desconfiado, e temo ver goradas todas as esperanças de realizar uma obra séria como etnógrafo. Enfim, demos tempo ao tempo e se não pudermos realizar desta maneira procuraremos outra, pois na vida nada me mete medo.*

*Como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, a Etnografia em Portugal não chega a ter fins de ciência, e para que o venha a ser, é necessário estabelecer-se bases sérias, não só dando diretrizes teóricas, como ordenando e sistematizando os elementos dispersos por inúmeras revistas e jornais, coligindo fenómenos em vias de desaparecimento e elaborando depois o material com espírito crítico e interpretativo. Para realizar tal obra não basta o trabalho individual e é necessário que um centro oriente esses trabalhos mercê dum pequeno grupo de colaboradores e de alguns técnicos. Ora isto parecia ter encontrado agora uma oportunidade, mas logo no limiar do edifício se anteveem os obstáculos.*

*A boa vontade de V. Ex.<sup>a</sup> em querer dividir as migalhas, creia que me sensibiliza, mas eu sei que a verba de que o Centro dispõe nem chega para a publicação da revista. Por isso, como eu tenho de ir agora para o Algarve auxiliar o Mariano Feio nos estudos de geografia humana que tem que preparar para o Congresso de Geografia de 1948 tenciono passar por Lisboa e falar no IAC. Mas as minhas esperanças são poucas. Basta dizer que a mim me disseram há dois meses que ficava a receber 3.000\$00 mensais e agora dão 2.700\$00 sem sequer mencionarem o facto. Como já lido há muitos anos com o IAC e conheço as dificuldades com que luta, vou apalpar terreno. Se não quiserem ou não puderem ajudar de uma maneira mais efetiva não sei então se será de aconselhar prosseguir. Amanhã dirão que o Centro não fez nada e não dirão que não fez nada porque não dão meios para que o faça. Para V. Ex.<sup>a</sup> que tem uma sólida e merecida reputação científica, com uma obra enorme e valiosa a desfazer todos os ataques, não lhe pode dar isso muito cuidado. Porém eu, que começo agora e começar aos 40 anos já é qualquer coisa de desanimador; não me posso sujeitar a receber a fama de arranjista que não produz o que ganha. Não tenho medo do trabalho e sou capaz de me multiplicar; mas necessito*

*de ajuda. Creia V. Ex.<sup>a</sup> que tenho um prazer enorme em começar a trabalhar em Portugal com um tal Diretor, pois conheço a sua visão ampla das coisas, ou seja, destes homens de ciência que não conhecem compartimentos estanques. Parece-me que se o Centro tivesse várias secções como V. Ex.<sup>a</sup> deseja conseguíamos mais facilmente atingir uma altitude científica elevada, pois o saber relaciona-se e completa-se, visto que na natureza não se apresentam os fenómenos separados e só a limitação do nosso espírito os separa. Por isso, folgaria se juntamente com a Etnografia se trabalhasse em Antropologia, Arqueologia e Pré-História. Quantas coisas há que só se compreendem quando as vemos pelo ângulo por que outras ciências costumam olhar. Mas receio que tudo morra ao nascer, como tantas coisas nesta terra.*

*Contudo, como me está na massa do sangue a investigação eu cá vou trabalhando até me ser impossível continuar. De facto, apesar de eu dispor dalgum dinheiro, não me será possível continuar a investigar como até agora se não houver umas verbas para excursões e para fotografia. Só neste mês gastei eu mais que o que me paga o IAC nos meus trabalhos de levantamento da carta do arado. Já consegui achar arados antigos em 25 concelhos, pois interessava-me não deixar concelhos em branco afim de se obter depois na carta zonas bem claras e tipos diferentes de arados, para os relacionar com outras manifestações culturais de outros povos. Isto, parecendo simples, obriga a um trabalho enorme de pesquisa, com todas as arrelias e dissabores provocados pela desconfiança dos camponeses e as grandes fadigas a correr os lugares mais distantes e afastados das estradas, pois no Minho o arado antigo já quase que desapareceu e nalguns concelhos já não o usam há uns quarenta anos. É preciso procurar lavradores velhos e tradicionalistas apegados às coisas do passado. Se não tivermos o cuidado de salvar alguns dos exemplares existentes nada deixaremos aos vindouros. Contudo, recordo-me de ver um velho arado com rodas português em qualquer museu europeu, se não estou em erro foi na Suíça. Mas nós somos assim! Pelo menos já fotografei, desenhei e medi nuns 43 arados e espero acabar pelo menos esta folha do atlas nem que tenha de ser à minha custa. Até agora já encontrei três tipos diferentes. Um, o retangular de proveniência germânica ou pelo menos da Europa setentrional e bastante espalhado pelo mundo. Outro, o tipo mediterrâneo em Chaves e ainda o arado a que os [ilegível] chamaram radial nos concelhos do norte do Distrito de Viseu. Vamos a ver o que o Algarve nos vai agora revelar de surpresas.*

*Tenciono vir do Algarve nos últimos dias de setembro e está no meu programa ir no dia 1 de outubro até Rio de Onor, onde ficaria uns tempos a terminar recolha de elementos para a minha monografia e a fazer dali quartel general para bater o norte do Distrito de Bragança. Contudo, se V. Ex.<sup>a</sup> puder precisar de mim era favor escrever para Lavadores, onde em fim de setembro devo passar. Se V. Ex.<sup>a</sup> não vir*

*inconveniente nesta vagabundagem eu aproveitava a quadra de bom tempo e depois, pelo inverno fora iria trabalhando e ordenando o material recolhido. Infelizmente, durante o tempo que passar no Algarve não poderei receber correspondência, pois não ficarei muito em parte nenhuma.*

*Se em Lisboa souber de alguma coisa não deixarei de o comunicar a V. Ex.<sup>a</sup>  
Desejando a V. Ex.<sup>a</sup> um descanso perfeito nesta época intranquila.*

*Sou com a mais elevada consideração e estima.*

*Jorge Dias*

*P.S. Gostaria muito de poder depois ter uma longa conversa com V. Ex.<sup>a</sup> talvez na 2.<sup>a</sup> quinzena de outubro em Lisboa. Tenho coisas para publicar e se não tivermos verba talvez as publique no estrangeiro. O IAC levará a mal tal coisa? É possível que não e assim não preciso de estar a maçar ninguém.*

*Mais uma vez com todo o respeito,*

*Jorge Dias*

\* \* \*

*Porto, 13-IV-48*

*Meu Exmo. Amigo,*

*Lastimo que afinal não tivesse podido assistir às conferências do Padre Jalhay<sup>25</sup>.*

*A do Centro realizou-se hoje e foi quanto a mim bastante melhor que a anterior. Presidiu o Prof. Amândio Tavares e fez para da mesa o Cônsul de Espanha.*

*Conforme a vontade de meu Exmo. Amigo fiz a apresentação do conferente, referindo-me a ausência involuntária do Diretor do Centro. No fim, o Prof. Amândio Tavares, também disse umas palavras relativas à conferência e ao Centro, dizendo que só pela ausência de V. Ex.<sup>a</sup> tinha presidido a esta conferência.*

*A conferência anterior teve mais gente, embora se tivesse feito o mesmo reclame para as duas. Até se enviaram mais convites para a de hoje. Contudo, só havia 37 pessoas enquanto que ontem o Dr. Ataíde contou umas 50.*

*Já escrevi ao Senhor Foundoukidis<sup>26</sup> de acordo com as instruções de V. Ex.<sup>a</sup>  
Dentro de poucos dias terei a lista dos investigadores que se podem indicar para*

---

<sup>25</sup> Trata-se provavelmente de Eugénio Jalhay (1891-1950), sacerdote católico e arqueólogo.

<sup>26</sup> Trata-se provavelmente de Eurípide Foundoukidis (1894-1968), de nacionalidade grega, que durante muitos anos dirigiu o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IIIC) responsável pelo International Office of Museums (IOM). Depois do final da II Guerra Mundial foi nomeado secretário do CIAP, cargo que ocupou até 1951.



*as diferentes secções da CIAP. Não sei se V. Ex.<sup>a</sup> quer que as envie diretamente em nome do Diretor do Centro ou se o quer fazer V. Ex.<sup>a</sup> pessoalmente. Aguardo ordens para proceder.*

*Em resposta a vários ofícios que mandei já recebemos algumas publicações, que nos são bastante úteis.*

*No sábado e domingo, fui a uns vales por detrás da Serra da Peneda, onde descobri um arado, sem aivecas, muitíssimo arcaico e de que havia notícias no séc. XVI segundo Leite de Vasconcelos. Afinal como estes nossos compatriotas ainda vivem em plena idade média, não admira que ainda conservem tão antigo exemplar.*

*Breve devo ter o trabalho sobre os arados concluídos, com o que muito folgo, pois já ando a sonhar demasiado com tais instrumentos e receio vir a sofrer deformação profissional, como um amador de gatos, pintado por [ilegível] que também já tinha cara de gato.*

*Com os melhores cumprimentos,*

*Sou de V. Ex.<sup>a</sup>*

*Com muita simpatia e consideração*

*Jorge Dias*

\* \* \*

*Porto, 28-VII-48*

*Meu Exmo. Amigo,*

*Cá pelo Centro vai tudo correndo normalmente. Fizemos agora uma excursão pelo norte de Vinhais e de Bragança para colher elementos sobre restos de comunitarismo de maneira a melhor poder enquadrar Rio de Onor. O Galhano também colheu bastantes elementos para a sua Alfaia Agrícola.*

*Soube que V. Exa já chegou quase ao fim da primeira etapa da sua grande jornada, pelo que vivamente o felicito. Deve agora merecer umas férias tranquilas e longe de todas as preocupações profissionais na paz dos campos.*

*Quanto ao prefácio que V. Ex.<sup>a</sup> tão amavelmente está pronto a fazer, devo dizer que em breve seria oportuno enviar o manuscrito.*

*Eu estou a rever as provas da última folha. Ainda verei novas provas da mesma, mas começa-se logo com o índice analítico. Por isso julgo que o mais tardar até ao dia 15 de agosto seria bom estar o manuscrito em Coimbra. Mas se puder ser antes, tanto melhor, pois como é composto em itálico pode começar a compor-se ao*

*mesmo tempo que o índice. Agradecia se V. Exa não se esquecesse de mencionar a preciosa colaboração de Fernando Galhano que é bem mais que um desenhista.*

*Junto envio a V. Ex.<sup>a</sup> umas recensões que fiz na R. P. de F [Revista Portuguesa de Filologia], para V. Ex.<sup>a</sup> ler a parte marcada a tinta na última página. Esta gente, às vezes lembra-se de dizer o que lhe vem à cabeça, e aí vai disto, mas não podemos ficar calados.*

*Em meados de agosto tenciono ir para o Sul no Algarve e no Alentejo. Começo pela beira mar que é mais suportável e só em setembro venho para o Alentejo.*

*O meu Vilarinho tem tido críticas muito favoráveis em várias revistas estrangeiras. Parece que agradou mais lá fora do que cá, o que talvez seja bom sinal. Pelo menos agrada-me ver que não fui inteiramente malsucedido.*

*Pedindo para apresentar os meus respetos à Exma. Esposa de V. Ex.<sup>a</sup> com toda a consideração e estima.*

*Jorge Dias*

\* \* \*

*Porto, 1-11-48*

*Exmo. Senhor Professor Doutor Mendes Corrêa*

*Meu Exmo. Amigo,*

*Soube pelo Senhor Almeida que o Centro já recebeu a parte da verba que lhe foi atribuída este ano, com o que folgo, pois já tinha adiantado bastante para despesas da secção de Etnografia. Diz o Senhor Almeida, que é o grande homem das finanças, que por agora nos bastam uns 16.000\$00.*

*Não sei qual será a melhor maneira de fazer o envio dessa importância. Mas talvez por cheque fique mais barato e seguro.*

*Cheguei há pouco numa excursão pelo Barroso e Padrela, onde colhi alguns elementos curiosos. Vi, por exemplo, uns pios de descascar o milho alvo, iguais a outros que se usam na Ucrânia. Como o milho alvo se usava no país antes de introdução do milho grosso, no séc. XVI, é natural que estes pios tivessem vindo juntamente com esse cereal, que nos chegou pelo Norte, vindo da Europa. Aliás, ainda hoje se faz largo uso deste cereal em Padrela. Enquanto que o milho grosso ainda não encontrou franca difusão. Quantas coisas curiosas não se encontram ainda a cada passo!*

*O mau é que a gente tem de perder um tempo precioso com coisas burocráticas ou de expediente, que nada rendem. Mas habituaram-se a escrever para cá a perguntar coisas, gentes de várias terras, e às vezes, nem sei o que hei-de dizer...*

*Um dia tenho de arranjar alguém em que descarregue estas coisas.*

*Recebi um convite da Estação de Estudos Pirenaicos, para lá ir no verão passar numa temporada a fazer qualquer estudo. Pagam-me tudo, com a condição de publicar num trabalho qualquer sobre o estudo que fizer. Se tiver tempo talvez aceite.*

*Ainda não sei quando vou a Lisboa, mas é provável que ainda este mês tenha de lá ir e aproveitarei para ter o prazer de visitar V. Ex.<sup>a</sup>*

*Peço-lhe para apresentar os meus respeitosos a sua Exma. Esposa.*

*Com muita simpatia e admiração cumprimenta o Jorge Dias.*

\* \* \*

*Porto, 31-I-49*

*Meu Exmo. Amigo,*

*Afinal não apareceu a tal ordem de dia para a conferência de Budapeste. O que vale é que eu também tenho pouco tempo, e assim escuso de me preocupar.*

*Contudo, para de futuro, se estas coisas da CIAP pudessem também vir para o Porto era melhor, pois podia-se-lhes dar andamento. Podia-se talvez pedir ao Foundoukidis para mandar em duplicado para o Porto e Lisboa, tudo aquilo que não tenha carácter particular e que portanto se dirija ao Prof. Mendes Corrêa.*

*Alegra-me muito a vinda do Reinhard pois era pessoa que gostava de conhecer. Já fui uma vez procurá-lo em San Sebastián mas não estava. O que espero é que não seja numa época em que eu esteja ausente. Já me tinham também falado nos 60 contos para o Centro. Não se alargaram muito, pois o ano passado tivemos 58. Mas pode ser que ainda venha mais.*

*Já entreguei o trabalho do Carlos Teixeira<sup>27</sup> e a carta de Hoyos Sainz<sup>28</sup>. Parece-me que onde encontrará as tribos portuguesas no tempo dos romanos mais bem estudadas será nas Religiões da Lusitânia.*

*Quanto à carta da Senhora Sueca cá ando a tratar disso. Um dos contos encontra-se na Biblioteca, mas outro de Adolfo Coelho não se encontra. Já se começou a traduzir e depois envia-se-lhe o que houver traduzido.*

*Já temos a promessa duma colaboradora, licenciada Laura Peters Arriscado, que foi aluna de Biologia e frequentou as aulas do Dr. Ataíde e Dra. Leopoldina.*

---

<sup>27</sup> Trata-se provavelmente do geólogo e paleontólogo Carlos Teixeira (1910-1982).

<sup>28</sup> Luis de Hoyos Sainz (1868-1951) foi um conhecido etnógrafo espanhol.

*Eu gostava muito que cá viesse o Prof. Gerhard Rohlfs de Munique, que vem representar a Academia da Baviera a Madrid durante a comemoração do Centenário da Real Academia das Ciências Físicas e Naturais. Se o meu Exmo. Amigo se não importasse em tratar disso. De Madrid aqui era um salto e ele vinha cá ao Centro fazer uma conferência sobre etnografia italiana. Ele foi um dos autores do Atlas linguístico da Itália e é uma das grandes figuras da etnografia linguística mundiais.*

*Peço para apresentar os meus respeitosos a sua Exma. Esposa com os melhores cumprimentos e toda a consideração do Jorge Dias.*

\* \* \*

Porto, 20-II-49

*Meu Exmo. Amigo,*

*Fui ontem ao Centro pela primeira vez, depois duns dias de gripe, e fiquei muito surpreendido com o que me contou o Dr. Ataíde. Naturalmente que não sei ao certo o que o IAC resolveu sobre o Centro, a não ser o que o Prof. Amândio Tavares há tempos me disse: que tencionava dar maior expansão às diferentes secções do Centro.*

*Devo dizer que eu só me tenho esforçado pelo desenvolvimento do Centro, na medida em que isso representa pugnar pelos interesses de V. Ex<sup>a</sup>. e nada mais. Como V. Ex<sup>a</sup>. se deve lembrar, quando vim de Espanha, e de acordo com as conversas que lá tive, eu vinha convencido que o Centro se concentraria só na investigação etnográfica, e é só essa que me interessa. Soube depois que V. Ex<sup>a</sup>. não concordava com este plano e do que ouvi pensei que de facto havia não só lugar para a minha etnografia, como para a Arqueologia e a Antropologia. De acordo com o pensamento de V. Ex<sup>a</sup>., eu tenho sempre lutado nesse sentido nunca pensei em desenvolver a minha secção a expensas das outras. Por isso, em conversas com o Senhor Almeida ou Dr. Ataíde, eu estou sempre de acordo em que é pena que se não dê maior desenvolvimento às outras secções sobretudo dado o interesse que V. Ex<sup>a</sup>. tem nelas. Por isso, quando vi que este ano a minha secção recebia menos dinheiro, que o ano passado, embora o Centro recebesse um pouco mais, tive de fazer este último comentário: neste mundo não pode haver quixotismos.*

*Como digo a V. Exa, não posso compreender o que sucedeu, pois da minha parte, como digo, só tem havido interesse em bem servir os interesses do Centro, que são os do meu Exmo. Senhor. Se não fosse isso, eu procuraria só falar das necessidades da minha secção, e nunca mostraria interesse nos desenvolvimentos*

*das outras. Como não foi este o caso, confesso que estou ansioso por saber quais as razões que aborreceram V. Exa e que pode crer que me devem ser absolutamente estranhas, pois tenho procedido com a toda lealdade, nunca procurando salientar-me mais que o necessário para uma vida de relação normal.*

*Espero, pois, que V. Exa consiga esclarecer o caso para ter a certeza que da minha parte só tem um leal colaborador, como facilmente posso provar ao meu Exmo. Amigo.*

*Só lamento que situações confusas me coloquem de qualquer maneira a uma má luz. Espero poder amanhã ou depois falar com o Prof. Amândio Tavares para esclarecer o caso junto dele, pois não quero que V. Ex.<sup>a</sup> possa pensar qualquer coisa que prejudique as relações tão amigáveis que tinha com V. Ex.<sup>a</sup>.*

*Peço para apresentar os meus cumprimentos à sua Exma. Esposa.*

*Com os melhores cumprimentos sou com toda a estima e muita consideração.*

*Jorge Dias*

\* \* \*

*Porto, 28-IX-49*

*Meu Exmo. Amigo,*

*Mais uma vez agradeço as palavras de V. Ex.<sup>a</sup> e sinto-me feliz por o destino me ter dado estar oportunidade de conhecer V. Ex.<sup>a</sup> mais de perto. São tão poucos, tão aflitivamente poucos os que não são cadáveres adiados que procriam! [sublinhado no original]. Então este nosso país é, verdadeiramente, uma antecâmara da morte! Na palidez melancólica dos tristes, que cruzamos nas ruas, só vem estampada a inveja e a maledicência.*

*E o pior é que isto faz-nos mal; rebaixa-nos humanamente. Treze anos que passei fora do país foram um banho de humanidade e sentido elevado da vida, que a pouco a pouco se vai oxidando em contacto com esta atmosfera húmida.*

*Ainda V. Ex.<sup>a</sup> mostra ser todo feito de metal precioso e pode resistir a corrosão, mas eu, que apenas consegui uma camada por galvanoplastia no estrangeiro, vivo sempre sob o receio de que o chumbo apareça de novo à superfície.*

*Afinal, decidi-me por Preâmbulo! Era uma palavra só, e prestou-se melhor a pôr na capa um tipo mais espaçado. V. Ex.<sup>a</sup> desculpará em pôr na capa: Preâmbulo por Mendes Corrêa. Foi assim que fiz com o Orlando Ribeiro. Depois, dentro, a assinar, vem então a categoria de V. Ex.<sup>a</sup>, mas se entender outra coisa eu estou por tudo. Mas o nome de V. Exa vale hoje bastante mais que a categoria.*

*Professores ainda há um par deles, mas Mendes Corrêa há só um (apesar de haver outros com esse nome).*

*Tenho muita pena se não vejo V. Ex.<sup>a</sup>, mas vou do dia 1 a 15 a Rio de Onor. De 15 a 24 estou no Porto e daí sigo para Compostela, onde vou fazer uma conferência sobre: As grandes regiões etnográficas portuguesas. Se V. Ex.<sup>a</sup> ainda adiar a viagem ao Porto por mais uns dez dias ainda tenho o prazer de o ver.*

*O Senhor Almeida já está ao serviço na próxima semana e o Snr. Dr. Athayde deve vir no dia 5. Escrevi-lhe hoje a dizer da vinda de V. Ex.<sup>a</sup>.*

*Pedindo a V. Ex.<sup>a</sup> para me recomendar a sua Snra. Esposa. Sou com toda a estima e a maior admiração de V. Ex.<sup>a</sup>.*

*Jorge Dias*

\* \* \*

*Porto, 24-XII-49*

*Meu Exmo. Amigo,*

*Não quero deixar de lhe escrever neste dia para lhe desejar um feliz natal e um bom novo ano alegre e cheio de compensações na companhia de sua Exma. Esposa.*

*Nesta época do ano é que se costumam fechar as contas e dar os balanços às escritas. Nós, como não somos homens de negócios, temos de fazer o balanço aos valores com que lidamos, os valores morais e intelectuais, que embora mal cotados nos mercados nacionais, são contudo os únicos de que dispomos e os únicos que consideramos superiores (talvez por nos faltarem os outros). Por isso, eu gostava de fechar as minhas contas com V. Ex.<sup>a</sup> para entrar no novo ano com a consciência tranquila.*

*Devo dizer que com o decorrer de tempo tenho aprendido a apreciar cada vez mais as invulgares qualidades de V. Ex.<sup>a</sup> e que é com verdadeiro prazer que colaboro na grande obra que conseguiu realizar. Quando cheguei do estrangeiro não sabia ainda as imensas dificuldades com que nesta terra, se tem de lutar para realizar qualquer coisa. Não podia portanto avaliar da grandeza da obra científica, que o país deve a V. Ex.<sup>a</sup>. Por isso, o apreço que inicialmente sentia aumentou consideravelmente.*

*Tenho necessidade de lhe afirmar isto por duas razões; primeiro porque sempre gostei de aplaudir os que o merecem, segundo, porque a minha maneira de ser um pouco independente, podia dar lugar a qualquer lamentável falsa interpretação. De facto, eu tenho reparado que nem sempre sigo aquelas normas de conduta que pautam as ações dos meus companheiros do Instituto de Antropologia. Aliás, isso não é de admirar; visto que eles frequentaram a escola de V. Ex.<sup>a</sup> desde as primeiras letras e eu já entrei homem feito. Contudo gostava de frisar que embora*

*eu me conduza de outra maneira, nem por isso deixo de ter o mesmo respeito e consideração por V. Ex.<sup>a</sup>. Talvez isto até seja desnecessário, pois parece-me que V. Ex.<sup>a</sup> já compreendeu isso muito bem. Contudo, não perco nada em insistir neste ponto, pois muito sinceramente gostava que V. Ex.<sup>a</sup>. soubesse que tem em mim um verdadeiro amigo, sempre leal e sempre pronto a ser útil, desde que isso não vá contra a minha maneira de ser. Eu sou um lutador, e quando luto faço-o de frente. Não sou um subserviente, nem adulator, mas quando admiro e estimo alguém gosto de lho dizer. Eis aqui tudo! Por isso, quando de repente me lembro de fazer uma coisa, ou de me ausentar por uns dias, como agora fiz, pode V. Ex.<sup>a</sup> crer que se não o anunciar não é por falta de consideração, é por temperamento. De resto, a consideração que se tem por alguém mostra-se de maneiras diferentes, e eu mostro-a nas conversas que tenho em que abertamente declaro o respeito que tenho por um homem, que em Portugal é uma grande exceção e que enfileira entre os melhores de qualquer parte. Se fosse invejoso ia-lhe cortando um bocadinho à altura, mas como me orgulho de a natureza dar grandes frutos, prefiro pô-lo num pedestal condigno.*

*E agora, pedindo desculpa de tão longo balanço, concludo desejando novamente festas muito alegres*

*Jorge Dias*

*P.S. Junto remeto o postal que recebi da Senhora [ilegível]. Com certeza já algum arqueólogo se antecipou aos desejos de V. Ex.<sup>a</sup>, mas eu estarei às ordens do Prof. Childe<sup>29</sup> e procurarei fazer o que estiver ao meu alcance. Contudo, pelo postal, parece que não tencionam vir às [ilegível]. Vamos a ver.*

---

<sup>29</sup> Trata-se provavelmente de Vere Gordon Childe (1892- 1957), um célebre arqueólogo australiano “talvez mais conhecido por suas escavações no site neolítico de Skara Brae, nas Órcades, e por suas visões marxistas sobre a pré-história. Foi ele quem cunhou os termos revolução neolítica e revolução urbana ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Gordon\\_Childe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gordon_Childe)).